

ENTRE O TÉCNICO E O E O PRÁTICO: NEOLOGIA E VARIAÇÃO DENOMINATIVA NO PORTUGUÊS CONTEMPORÂNEO

Giselle Olivia Mantovani Dal Corno (UCS)
mandal@terra.com.br

1. Introdução

Desde a publicação de *La créativité lexicale*, de Louis Guilbert, em 1975, muitos estudiosos da linguagem têm voltado seu olhar para a neologia como processo de evolução e mudança das línguas. No Brasil, os pioneiros trabalhos de Biderman (1978), Basílio, (1987), Barbosa (1983), Carvalho (1984), Alves (1994) são já considerados textos clássicos sobre a temática, trazendo abundância de exemplos identificados na variante brasileira do português. De fato, a neologia tem sido objeto de estudo formal em diversas instituições de ensino superior, seja em projetos de pesquisa isolados, seja em observatórios neológicos que atravessam décadas e congregam pesquisadores desde a iniciação científica ao pós-doutoramento.

Se por um lado parece que pouco ou quase nada há de novo que se possa dizer a respeito da neologia em seus aspectos teóricos, publicações recentes revelam que as criações neológicas são uma constante no vernáculo e incitam inúmeras investigações – haja vista as coletâneas de trabalhos organizadas por Alves (2010), Pereira da Silva (2012) e Carvalho (2012), pare citar apenas alguns –, que podem inclusive ser trazidas para a sala de aula como um recurso pedagógico para a formação de leitores mais atentos e hábeis no uso de sua língua – como verificado em Correia e Almeida (2012).

Partindo-se do pressuposto de que vale a pena investigar e hipotetizar sobre a construção de unidades neológicas, a oportunidade de observação de variação, independentemente do nível ou registro de linguagem observado, revela-se para um linguista como um mote para a pesquisa. Tal oportunidade se nos apresentou em uma situação corriqueira, acompanhando uma obra de construção civil de pequeno porte, em que lidamos com profissionais de diferentes níveis de especialidade, o que ensejou, por consequência, o contato com uma terminologia específica, voltada para a técnica.

A terminologia é necessária para a boa comunicação entre os profissionais de uma determinada área, e, portanto, permeia a linguagem técnica por eles empregada. Sabe-se, no entanto, que são diferentes os níveis de especialidade desses profissionais, muitas vezes ditados pela escolaridade (ou falta dela) e pelo estudo acadêmico-científico de certos conteúdos. Uma consequência comum dessa disparidade em termos de aquisição formal do conhecimento é a geração de outras unidades lexicais para representar unidades de conhecimento especializado, que resulta na variação denominativa. A partir dessa prerrogativa, apresentaremos neste trabalho o caso do termo da construção civil *chapisco*, derivada do verbo *chapiscar*, que tem a variante *salpicar* no sul do Brasil, no discurso dos operários que lidam com essa prática (pedreiros, mestres de obra, atendentes de lojas de material para construção etc.). Procuraremos formular e analisar algumas hipóteses para essa formação verbal e suas formas substantivas, de modo a provocar uma reflexão sobre a necessidade de lexicalização dos neologismos identificados.

2. *Um mote para a pesquisa*

Na lista de materiais de construção a serem adquiridos para a obra anteriormente referida encontrava-se um item que viria a ser o motivo da incipiente investigação aqui relatada: *adesivo para salpique*. A curiosidade não residia no termo em si, já muito comum na linguagem oral da localidade onde o fato se deu, o município de Caxias do Sul, na encosta superior no nordeste do Rio Grande do Sul. O que resultou curioso foi que, ao buscar o produto em uma loja especializada, deparamo-nos com um termo completamente diferente estampado na embalagem de ambas as marcas comercializadas: *adesivo para chapisco* (ver **Fig. 1** e **Fig. 2**). Questionado sobre essa outra forma linguística, o atendente da loja, com um ar condescendente, respondeu: “É a mesma coisa”. Intrigados, buscamos em alguns dicionários gerais de língua portuguesa ambos os termos – comumente o primeiro e mais simples passo em uma investigação sobre fatos da linguagem – e constatamos a inexistência do item *salpique*. Questionamos, então, os profissionais que iriam executar a obra (mestre de obras e pedreiro) sobre a forma *chapisco*, ao que responderam: “Tem gente que diz assim.” Uma explicação possível para isso seria a de que a forma *salpique* simplesmente fizesse parte do repertório particular ou idioleto desses profissionais, já tendo perdido a concorrência pa-

ra a variante formal *chapisco*, definida pelo *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa* (2004)¹³ como: “argamassa fluida de cimento e areia que se faz aderir à parede em osso para formar uma base irregular, áspera e rústica, sobre a qual se fixa o reboco.”^{HOU} De qualquer forma, para o pesquisador da linguagem, essas respostas foram traduzidas como: “Este pode ser um caso de terminologia em que teríamos equivalência conceitual, com variação denominativa.”

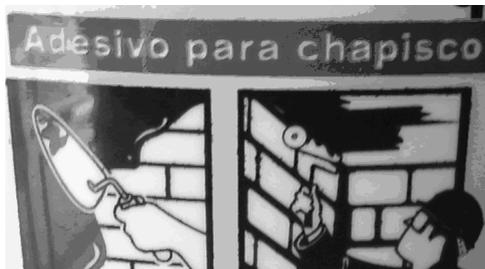


Fig. 1. Detalhe da embalagem do produto Chapix SBR, da Quartzolit (foto da autora).



Fig. 2. Anúncio do produto Bianco, fabricado pela Vedacit. Disponível em <http://www.vedacit.com.br/infoteca/protecao-do-alicerce-ao-telhado/16-bianco>, com detalhe da embalagem (foto da autora).

Com o uso de ferramentas de busca na web obtivemos um número elevado (considerando-se a especificidade) para *chapisco* (quase 200 mil resultados) e, curiosamente, um número bem maior para *salpique* (em torno de 500 mil), sendo preciso refinar a busca para descartar alguns

¹³ Nas definições, a referência a esta obra se dará pela sigla HOU sobrescrita. Ferreira (1999) será identificado por *Aurélio* no texto e pela sigla AUR sobrescrita nas definições; a versão eletrônica do *Dicionário contemporâneo de língua portuguesa* será referida como *Aulete digital* no texto e pela sigla AUD sobrescrita nas definições.

desses resultados (os relacionados a culinária, por exemplo) e identificar os de interesse para esta investigação: os que remetem à “Casa do Salpique”, uma revenda de materiais de construção na cidade de Porto Alegre, e os relacionados ou à ferramenta (Fig. 3) ou à máquina para aplicação do produto (Fig. 4) – neste caso chamada de “aplicador de textura salpique”¹⁴.



Fig. 3. Aplicador de textura ou salpique. Disponível em: http://maxmetalurgica.com.br/ws/index.php?option=com_content&view=article&id=58:aplicador-de-textura-e-salpique&catid=6:aplicador-de-textura-e-salpique&Itemid=82.



Fig. 4. Aplicador (máquina) de salpique ou chapisco. Disponível em: <http://www.solostocks.com.br/venda-produtos/construcao/materiais-construcao/aplicador-de-textura-salpique-390420>.

¹⁴ Localizamos nessa busca, para imagens do mesmo produto, as variantes co-ocorrentes *máquina de salpicar, máquina de chapiscar, máquina para chapisco, máquina manual para chapisco, máquina de rebocar e chapiscar*.

Seriam então *chapisco* e *salpique* variantes co-ocorrentes, próprias da sinonímia terminológica? Em busca de respostas, conduzimos então uma pequena investigação, descrita a seguir.

3. *Organizando a investigação*

Para verificar a ocorrência de variação e tentar buscar explicações para o fenômeno, criamos um instrumento de pesquisa simples (**Fig. 5**), contendo uma definição de *chapisco* elaborada a partir de dados buscados na Wikipedia, confirmados em outras páginas relacionadas à construção civil, com quatro opções de termos para preencher a lacuna deixada, bem como espaço para outro termo não previsto. O instrumento foi aplicado a 15 informantes voluntários, de diferentes faixas etárias, de algum modo relacionados à construção civil (sete pedreiros, dois comerciantes de produtos da área, seis pessoas familiarizadas com termos da área por terem realizado construção/reforma em casa e serem, portanto, usuárias dos serviços e produtos); todos, no momento da aplicação do instrumento, residiam e trabalhavam em Caxias do Sul, mesmo que naturais de outras cidades. Após uma aplicação piloto, o instrumento foi readequado, e optamos por fazer as questões de forma oral e informal, para não constranger os informantes.

Levantamento de dados – Informante n°. ____
O _____ é uma argamassa usada para revestir paredes ou tetos de alvenaria, facilitando o revestimento posterior por garantir maior aderência devido a sua superfície porosa.
1. Qual a palavra que melhor completa a frase?
(a) salpico (b) chapisco (c) salpique (d) reboco (e) emboço (e) outro: _____
2. Conhece algum outro nome para esse revestimento?
(a) salpico (b) chapisco (c) salpique (d) reboco (e) emboço (e) outro: _____
3. Como conhece este termo?
(a) É profissional da área da construção (b) Comercializa produtos para a área da construção (c) Já realizou obra/reforma em casa (d) Já ouviu falar.
4. Naturalidade: (a) Caxias do Sul (b) Outra cidade: _____
5. Residência: (a) Caxias do Sul (b) Outra cidade: _____
6. Faixa etária: () menos de 25 anos () 25-35 anos () 36-45 anos () 46-55 anos () 56-65 anos () mais de 66
Fig. 5. Modelo do questionário aplicado aos informantes

4. Dados obtidos

O número de informantes não foi considerado suficiente para relacionar os dados colhidos a variáveis sociolinguísticas e, assim, fazer generalização nesse nível de análise. Pela natureza da investigação, esses dados então serviram, como anunciado na introdução, de mote para a pesquisa de fenômenos da linguagem, como a neologia e a variação denominativa em terminologia, pesquisa essa que pode ser retomada e aprofundada em outro momento e/ou por outros pesquisadores.

Entre os 15 informantes, 6 conheciam o termo *chapisco* (dois vendedores, quatro pedreiros), embora não o usassem. Desses, ambos os vendedores e dois dos pedreiros referem-se ao produto preferencialmente como *salpique*. Já os outros dois pedreiros afirmaram que a forma correta é *salpico*., com o que também concordaram três dos usuários. Um dos pedreiros afirmou que *chapisco* é uma forma “errada” e outro disse que o termo se refere a um “tipo especial de salpico, mais ralo, aplicado com máquina”. Dois dos pedreiros afirmaram que *salpique* é uma forma “errada”. E ainda outros três usuários trouxeram como opção correta as formas *salapico* e *sarapico*. No quadro abaixo temos em resumo as declarações de cada informante sobre as formas apresentadas.

Informante	Termo empregado				
	Chapisco	Salpique	Salpico	Salapico	Sarapico
Pedreiro 1	ouviu falar	forma correta	é errado	não mencionado	não mencionado
Pedreiro 2	ouviu falar	forma correta	é errado	não mencionado	não mencionado
Pedreiro 3	outro tipo	é errado	forma correta	não mencionado	não mencionado
Pedreiro 4	ouviu falar	é errado	forma correta	não mencionado	não mencionado
Pedreiro 5	desconhece	é errado	forma correta	não mencionado	não mencionado
Pedreiro 6	desconhece	desconhece	forma correta	não mencionado	não mencionado
Pedreiro 7	desconhece	é errado	forma correta	não mencionado	não mencionado
Vendedor 1	ouviu falar	forma correta	forma correta	não mencionado	não mencionado
Vendedor 2	ouviu falar	forma correta	forma correta	não mencionado	não mencionado
Usuário 1	desconhece	desconhece	desconhece	não mencionado	forma correta
Usuário 2	desconhece	desconhece	desconhece	não mencionado	forma correta
Usuário 3	desconhece	desconhece	forma correta	não mencionado	não mencionado
Usuário 4	desconhece	desconhece	forma correta	não mencionado	não mencionado
Usuário 5	desconhece	desconhece	forma correta	não mencionado	não mencionado
Usuário 6	desconhece	desconhece	desconhece	forma correta	não mencionado

Propomos, então, analisar as formas identificadas, hipotetizando sobre os procedimentos de formação desses termos.

5. Análise das formas variantes identificadas

5.1. Chapiscar/chapisco

O ponto de partida desta análise será o termo dicionarizado *chapisco*, inicialmente focalizando a forma verbal *chapiscar*. Para esse verbo transitivo direto, o *Houaiss*¹⁵ nos dá a seguinte definição, indicando a rubrica *construção*: “aplicar uma camada de chapisco a (parede, muro) usando a colher de pedreiro para lançá-lo em golpes repetidos.”^{HOU}

A etimologia desses itens lexicais não está ainda satisfatoriamente explicada. O *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa* (CUNHA, 1986), não inclui nenhum dos lexemas (o mais próximo na sequência alfabética é *chapinhar*). Já o *Houaiss* aponta para a “origem duvidosa” do étimo: “presumivelmente do rad. *chap-*, do v. *chapar* ‘aplicar com força’, + *-isco* + *-ar*; segundo Tacla, pode ter havido infl. de *chuvisco*, pela ideia de ‘borrifamento’ que o verbo encerra”, e sugere que se verifique essa terminação. Consultando-se a terminação *-iscar*, uma informação interessante se apresenta: “nos casos em que há patente o suf. *-isco* dim. + *-ar* é tb. sensível a noção verb. diminutiva ou afetiva”, e traz alguns exemplos, como: *acenisicar, chuviscar, lambiscar, mariscar, mordiscar, namoriscar, neviscar, troviscar*.

O *Aurélio* aponta a origem não no verbo *chapar*, mas no substantivo masculino *chape*, onomatopaico, que na primeira acepção refere “Som de qualquer coisa que bate ou cai na água”^{AUR}, e que daria origem também ao verbo *chapinhar* (*chape* + *-inhar*). A construção seria então *chape* + *-isco* > *chapisco* + *-ar* > *chapiscar*.

A ausência de uma explicação unívoca não é gratuita: a ação de chapiscar inclui o movimento de “aplicar com força, pespegar”^{HOU} (definição do verbo *chapar*) ao mesmo tempo em que gera um “ruído seco produzido por um corpo que bate numa superfície, esp. o que cai num líquido”^{HOU} (definição de *chape* – apesar de, nesse caso, ser uma superfície sólida), podendo resultar em borrifamento do material lançado, ou seja, em partículas menores (daí a ideia de diminutivo, também contida na definição de *chapinhar*: “cair de chapa fazendo borrifos”^{HOU}).

¹⁵ O *Aulete* limita-se a trazer a definição morfossemântica “aplicar chapisco em”, com o exemplo de uso “O pedreiro chapiscou a parede.”^{AUD}

5.2. Salpicar

O verbo transitivo direto *salpicar* tem em sua primeira definição, nas obras consultadas, uma referência ao ato de “espargir sal”, e nas páginas da web relacionadas a culinária observamos que a ação pode ser executada com outros condimentos também (ex.: canela em pó, queijo ralado – daí a sinonímia com *temperar* apontada no *Dicionário informal*). A definição “Manchar(-se), colorir(-se), ou cobrir(-se) com pingos ou salpicos”^{AUD} parece ser também uma possível fonte de analogia.

Uma hipótese para o emprego de *salpicar* para designar a ação coberta pelo verbo *chapiscar* seria a da formação de um termo por extensão semântica, que supõe a ampliação do significado de um termo para que recubra uma realidade próxima. Esse procedimento de formação indireta de termos¹⁶ já estava descrito em Wüster (1998 [1979], p. 94), que aponta a praticidade da denominação de “um conceito mediante uma transferência de significado, em vez da criação de um novo termo composto”, atribuindo-se a um termo “um conceito que se acresce ao que já representa”. A ação coberta pelo termo *salpicar*, como empregado na construção civil, inclui simultaneamente a noção de “aplicar com força” e a de “borrifar”, podendo então a extensão semântica se dar por analogia de forma e/ou de função.

5.3. Salpico

A forma substantiva masculina *salpico* é uma derivação regressiva do verbo *salpicar*, e os dicionários consultados incluem a definição morfossemântica (pouco elucidativa) de “ato/ação ou efeito/resultado de salpicar”^{HOU, AUD}, bem como a referência às pedras de sal empregadas para realizar tal ação (apesar de o uso do verbo, como comentamos acima, se dar também com outros condimentos além do sal). Nossa hipótese é a de que seu emprego como termo da construção civil se tenha dado também por extensão semântica, numa analogia de forma, considerando algumas acepções que podem ser associadas ao aspecto resultante em uma etapa do chapisco, como “pingo de lama que ressalta”^{AUR}, “vestígio em forma de pingo deixado por um líquido noutra corpo”^{HOU} e “pequena mancha, pingo”^{AUD}. Também é de interesse para avaliar essa hipótese a

¹⁶ Outros procedimentos indiretos seriam a mudança gramatical e o empréstimo.

acepção datada de 1720 “massa diferente que se fixa e ressalta sobre uma superfície”^{HOU}.

Um dado curioso é que os sinônimos apresentados nessas obras, *salpicadura* e *salpicamento*, não foram mencionados pelos informantes como possibilidades de variantes.

5.4. Salpique

A forma substantiva masculina *salpique*, apesar de não dicionariada, poderia também ser uma derivação regressiva do verbo *salpicar*, formada à semelhança de outras assim derivadas em língua portuguesa: *aplicar* > *aplique*, *quicar* > *quique*, *tremelicar* > *tremelique*. Deste modo, os falantes que empregam essa forma estariam fazendo nada mais que usar os recursos da própria língua para a criação de novas unidades lexicais.

5.5. Salapico

A hipótese é a de que a origem dessa forma variante seja o substantivo *salpico*, modificado pela epêntese da vogal **a**: *salpico* > *salapico*. O único informante a empregá-la é oriundo da zona rural de Caxias do Sul.¹⁷

5.6. Sarapico

A hipótese é a de que a origem dessa forma variante seja também o substantivo *salpico*, modificado por epêntese da vogal **a** e por rotacismo (mudança de **l** em **r**): *salpico* > *salapico* > *sarapico*. Os dois informantes a empregá-la são nativos da região das Missões (oeste do Rio Grande do Sul, com relativa proximidade à fronteira com a Argentina).¹⁸ Uma analogia sonora com o verbo *sarapintar*, “encher de pintas, mati-

¹⁷ Dado registrado para servir como base para futuras investigações, que poderão tentar relacionar o procedimento de formação do item lexical ao contato com falantes descendentes de italianos dessa zona rural.

¹⁸ Dado registrado para servir como base para futuras investigações, que poderão tentar relacionar o procedimento de formação do item lexical ao contato com hispanofalantes da variedade da Argentina.

zar^{HOU} e “colocar pintas variadas em”^{AUD} não seria de todo implausível, uma vez que novamente se pode estabelecer analogia de forma/função com “borrifo”, já aventada anteriormente. Neste caso, a ausência da forma derivada regressiva **sarapinto* seria preenchida por *sarapico*, pelos metaplasmos já mencionados.

É importante registrar também que uma das obras consultadas traz o substantivo *sarapico* com uma acepção não relacionada à área da construção civil, a saber: “certa dança popular”^{AUD}. No entanto, maiores dados sobre essa dança seriam necessários para que se pudesse estabelecer qualquer forma de relação.

6. Considerações finais

A neologia em terminologia é observada com frequência e pode ser um objeto de estudo para o linguista que se interesse pela pesquisa lexical. Para tanto, não é necessário estarmos imersos em algum universo de conhecimento restrito: a pequena investigação aqui relatada, apesar da limitação de seus achados, pode servir de exemplo de como é possível estar atento para os fatos da linguagem nas mais diversas situações.

Um passo seguinte à observação e à tentativa de explicação dos fenômenos seria a avaliação das hipóteses levantadas e o aprofundamento das explicações e, no caso da neologia, verificar a necessidade de sugerir a dicionarização de certas formas linguísticas ou acepções.

Esperamos que este trabalho desperte a curiosidade de pesquisadores, independentemente da etapa de sua carreira, de modo a construirmos um corpo de conhecimentos cada vez mais substancial sobre o funcionamento da língua portuguesa na vertente brasileira.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Ieda Maria. *Neologismo: criação lexical*. São Paulo: Ática, 1994.

ACADEMIA Brasileira de Letras. *VOLP – Vocabulário ortográfico da língua portuguesa*. 5. ed. São Paulo: Global, 2009.

APLICADOR de textura salpique. Disponível em: <<http://www.solostocks.com.br/venda-produtos/construcao/materiais-construcao/aplicador-de-textura-salpique-390420>>.

- APLICADOR de textura ou salpique*. Disponível em:
<http://maxmetalurgica.com.br/ws/index.php?option=com_content&view=article&id=58:aplicador-de-textura-e-salpique&catid=6:aplicador-de-textura-e-salpique&Itemid=82>. Acesso em: 17-08-2012.
- AULETE Digital*: dicionário contemporâneo da língua portuguesa Caldas Aulete. Lexicon Editora Digital. Disponível em:
<<http://www.auletedigital.com.br/>>. Acesso em 1 set. 2012.
- BASÍLIO, Margarida. *Teoria lexical*. São Paulo: Ática, 1987.
- BIDERMAN, Maria Tereza Camargo. *Teoria linguística: linguística quantitativa e computacional*. Rio de Janeiro: LTC, 1978.
- CASA do salpique. Disponível em:
<<http://www.guiaportoalegre.com.br/materiais-para-construcao/casa-do-salpique-revestimentos-para-construcao/>>. Acesso em: 17-08-2012.
- CHAPISCO. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/chapisco>>. Acesso em: 17-08-2012.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico Nova Fronteira da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio século XXI*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- GUILBERT, Louis. *La créativité lexicale*. Paris, Larousse, 1975.
- HOUAISS, Antonio; VILLAR, Mauro de Salles. *Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa*. Versão 1.05. Rio de Janeiro: Objetiva, 2004.
- MICHAELIS*: moderno dicionário da língua portuguesa. São Paulo: Melhoramentos, 1998.
- SALPICAR*. Disponível em:
<<http://www.dicionarioinformal.com.br/salpicar/>>. Acesso em: 1-09-2012.
- VIARO, Mário Eduardo. *Etimologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
- WÜSTER, Eugen. *Introducción a la teoría general de la terminología y a la lexicografía terminológica*. Trad.: Anne-Cécile Nokerman. Barcelona: IULA, 1998.